

Contos
Fantásticos

IONILTON DO VALE

Underground

Sou um homem ridículo. Agora já quase me têm por louco. O que significaria ter ganho em consideração, se não continuasse sendo um homem ridículo. Mas eu já não me aborreço por causa disso, agora já não guardo rancor a ninguém e gosto de toda a gente, ainda que se riam de mim...

Fiódor Dostoiévsk

Como começar esta narrativa? É muito difícil ao homem descobrir os segredos de sua alma, de suas inconveniências, de suas fraquezas, de tudo aquilo que não o lisonjeia, que é o que estou prestes a fazer. O homem naturalmente segue inclinado a cortejar a si mesmo, a se achar o centro do universo, a pensar que tudo gravita ao seu redor.

Mas embora naturalmente confiante, basta uma pequena tempestade, alguns raios e trovões para que depressa ele se refugie na primeira casca ou casco que encontrar em sua frente. Por vezes, nem isso é necessário. Por vezes, nascemos e até atingirmos uma idade limítrofe, já vemos a necessidade de nos escondermos na primeira concha vazia que encontramos.

Talvez, alguns dirão, que este comportamento é próprio dos pusilâmines, dos almofadinhas, dos poltrões, daqueles que tremem ao vêem uma poça de água, formada ao seu redor, ou até mesmo um insignificante inseto, que nada mais faz, que cuidar de si mesmo. Puro engano.

Desde cedo alguns de nós são submetidos ou escolhidos ao acaso, ou mesmo de forma proposital, para que sirvam de alvo de toda espécie de maldade por parte de nossos semelhantes, que assim o elegendo, fazem com que estes “escolhidos”, sofram tanto quanto possível por toda a posteridade ou até mesmo o resto de suas vidas.

O homem, contudo, à semelhança de algumas criaturas, ou de todas, é o mais maleável dos seres. Coloque-o em uma sargeta depois de experimentar riquezas e glórias e ele se adaptará. Coloque-o em um deserto em que sobreviverá tão somente à

custa de pequenos insetos, sorvendo algum pedaço de terra molhada e ele se adaptará. Tire os seus apêndices que fazem com que se torne preênsil, capaz de andar e naturalmente agarrar coisas e ele se adaptará.

Mas experimente tirar um pirulito de sua boca ou um bocado de pipoca, ou mesmo dar-lhe um pequeno e descuidado esbarrão involuntário e verá o que ele é capaz de fazer. Logo tirará uma arma e disparará sem pensar duas vezes nas consequências ou mesmo dará um violento soco no pretense ofensor e na melhor das hipóteses se contentará com um violento e rápido insulto.

Dir-se-á que a barbárie já se encerrou há muito tempo, e que já estamos em uma época civilizada em que predomina o respeito e a tolerância mútua, e eu responderei que depois de tirar toda a falsa camada de polidez, encontrará um lobo feroz, pronto para te dilacerar ao primeiro impulso ou fraqueza.

Poderiam ainda argumentar que sou um homem profundamente ressentido, esmagado como um cacho de uvas na preparação do doce néctar. Eu responderei prontamente. Sim, sou um homem profundamente ressentido, amargurado e pessimista, e aborreço os tagarelas e otimistas, aqueles que se dizem felizes e satisfeitos com a vida e me alegro com minha condição.

Nesta altura da narrativa, acho melhor não aborrecer mais o leitor com minhas indiossincrasias. Retrocedamos alguns anos e tudo estará bem (ou mal, dependendo do ponto de vista).

Mas voltando à primeira narrativa (peço desculpas pelas minhas elocubrações, mas foi necessário para alertar o leitor o que há de vir posteriormente), posso dizer sem nenhum orgulho que fui um destes escolhidos pelo destino, para a tortura pelos homens e por mim mesmo. Desde a mais tenra idade, que os mais próximos a mim descobriram a minha intensa timidez, que por seu caráter craustrofóbico, ambivalente e terrivelmente vexatório, se revelava de uma forma tão vivaz como uma a estrela mais brilhante do firmamento.

O que vou dizer agora, nunca disse a ninguém, mas era uma destes homens sem nenhuma emoção, frio como uma pedra de mármore. Hoje fico a pensar o que veio primeiro, a brutalidade ou a pedra de mármore....Enfim,era um homem que apenas andava para a frente dotado da mais magnífica missão.Qual era ela?Eu mesmo. Eu era

uma missão a ser cumprida, pois todas as coisas começavam e terminavam em mim. Desde pequeno não dava muita bola para os meus amiguinhos. Achava-os um pouco ridículo, sem inteligência natural, sem muita criatividade. Eles por seu turno me achavam esquisito, e também não queriam conversa comigo.

Muito tímido, não conseguia me enturmar com os colegas e era sempre visto em meu cantinho taciturno e pensativo. Por este motivo era alvo de brincadeiras dos colegas de turma e até dos mais novos. Quanto aos mais velhos, simplesmente era espancado cruelmente quase todos os dias, seguido de sacarmos e brincadeiras cruéis.

Neste prisma comecei a pensar que o mundo era inóspito é cruel. Um pequeno inferno particular doentio, malévolos e intransigente. E assim tal qual uma lagarta que se enrosca, quando pequenos pássaros a perseguem querendo devorá-la, assim eu também fui me enclausurando em um mundo cada vez mais único e particular, no qual só cabia uma pessoa: eu mesmo.

A timidez e o medo deram lugar a uma fobia que me levou em primeiro lugar a procurar a solidão e me afastar das pessoas em especial, as que me desagradavam e das que também me agradavam.

Este medo mórbido, esta fobia crônica, esta timidez patológica somada as indiossincrasias de minha personalidade já introvertida e voltada para mim mesmo em fluxo de melancolia contínuo fazia certamente da minha pessoa um ser inteiro opaco, e constante em metamorfose. Um ser onde habitava pensamentos que me diziam respeito, só a mim e a mais ninguém, contrariando todos os axiomas que sustentam a base de uma sociedade.

Este pânico generalizado que me acometia como já mencionado, não tardou a ser notado pelos meus confrades, que aproveitaram a oportunidade para me atormentar e atazanar de forma a imaginar que me encontrava em um inferno pessoal. Que havia morrido e descido até o sétimo inferno de Dante.

Tinha medo de falar, de andar, de sentar, de responder a uma pergunta ou indagação e assim por diante. Era um medo mórbido das pessoas, um temor principalmente de parecer um inadequado, um medroso e de notarem a minha extrema timidez. Então a minha timidez, na realidade, era uma tentativa desesperada, de

esconder aos outros, quem realmente eu era. O que realmente era na mais pura essência do meu ser.

E assim, como na selva africana o predador descobre na presa os sinais de fraqueza e assim, economiza forças para abatê-lo, eu também, fui “descoberto”, logo nos primórdios, de minha vidinha insipiente, pelos garotos, maiores, mais fortes, e principalmente mais malvados.

Tornei-me, sobretudo, alvo de troça e pancadaria por parte de certo garoto um indivíduo robusto, uns cinco ou seis anos mais velho que eu, que andava pelo colégio à minha procura constantemente. Eu o evitava como um Antílope evita um Leopardo ou um Leão, e andava me esgueirando de sala em sala, de árvore em árvore.

Mas ai de mim, nem sempre conseguia meu intento e era alcançado pelo meu algoz. Pouparei o leitor, dos detalhes atrozes, especialmente para uma criança de sete a oito anos. Mas me recordo certa vez, que ele sentou em cima de mim e assim ficou por um intervalo de mais ou menos umas duas horas.

Os alunos passavam e de forma apressada, saiam daquele lugar de suplício, pois poucos ousavam encarar meu odioso torturador pela péssima fama e histórico violento, que ele orgulhosamente ostentava em seu currículo. Até mesmo os alunos mais velhos o evitavam. E eu era o brinquedo favorito dele!

Mas tinha eu lá meus bons dias e também admirava, embora com um medo supremo, algumas meninas bonitas da sala. Lembro-me de particularmente um caso, em que eu menino de doze anos e loucamente apaixonado de forma platônica por uma delas (Mônica, acho que este era seu nome), ia todos os dias ao acabarem as aulas atrás dela, pegar o ônibus na avenida que ficava um quarteirão de sua casa. Qual a minha surpresa (e esta visão me acompanha sempre que não me perco nos recursos audiovisuais de nosso tempo), que ao chegar próximo de sua casa ela parou e me olhou tão docemente nos olhos, esperando nitidamente, que eu me aproximasse e quem sabe dar-lhe o primeiro beijo da minha vida. Ainda hoje aquela imagem ressoa em minhas boas e poucas lembranças. Tudo nela, em especial os seus olhos cor de mel, parecia dizer de uma forma eloquente, do que qualquer palavra ou som:

-vem sou tua. Quero colher o teu primeiro beijo.

Empalideci e foi como estivesse à frente a um moribundo ou um fantasma, dado à minha condição. Sai correndo, vexado e envergonhado. E desde então esta lembrança, talvez a única em que já demonstrei alguma humanidade me acompanha até então.

Mas deixe-me retornar a minha narrativa, pois estou ansioso terminá-la.

Tornei-me por capricho da vida um funcionário subalterno poderoso. Daqueles que têm poder sobre pequenos outros iguais a mim, mas que não tinham a ambição de terem se tornado o que eu me tornei.

Mas antes disso, confesso que houve um longo caminho a percorrer.

Escolhi umas destas profissões, que se adequava à minha condição, caráter e personalidade, e então optei pelo serviço público, em uma destas obscuras repartições públicas, que para nada servem, e que ninguém delas toma conhecimento.

Consegui ingressar mediocrementemente, e depois assumi minha função como servidor público que consistia, tão somente, em abrir a correspondência e enviar aos setores competentes. Era oito a dez horas abrindo correspondências, o que alguém, em algum lugar, já denominou tal serviço como torturante e nauseabundo.

De qualquer forma, como já mencionei antes, me adaptei perfeitamente e estava feliz por não ter qualquer função relevante ou digna de apreço, e neste contexto, fiquei esquecido das quase sessenta ou mais pessoas, que faziam parte daquele pequeno mundo, o que me dava um enorme prazer de ali estar.

E explico. No meu serviço ocupava uma pequena mesa destas bem pequenas, com uma cadeira de escritório, em um cubículo de trinta metros quadrados que mal dava para esticar minhas pernas durante o intervalo do almoço.

Mas como não tinha mais ninguém na sala, me sentia feliz como um garoto de cinco anos a quem é dado um saco de doces, ou um brinquedo desejado.

E todos esqueceram a minha existência, de modo, que tudo aquilo evocava a minha existência mórbida. A solidão, o esquecimento, a indiferença, a loucura mórbida que me assolava por vezes, ninguém podia testemunhar.

Durante cinco anos vivi feliz, abrindo correspondências e distribuindo aos setores competentes. Até o dia, em que um funcionário subalterno, mas com um nível

hierárquico um pouco maior que o meu, me notou e imediatamente mandou um memorando me convocando para uma reunião.

Assim, que cheguei, em sua sala, me recebeu com um olhar indiferente e gélido. Não se dignou a me cumprimentar, e com um gesto de mãos me apontou uma cadeira encarquilhada, que ficava em sua sala uns dois metros maior que a minha.

Sem nada falar, ficou olhando um calhamaço de papel que estava à sua frente, e ali permaneceu por mais ou menos duas horas. Imediatamente adivinhei-lhe a intenção, e compreendi de moto próprio que desde o início ele já sabia o que fazer, e que aquele desígnio, já há muito tempo havia sido deliberado ou por ele sozinho, ou por outro grupo de burocratas semelhante a ele (assim pensava, porque era o que eu faria se estivesse no lugar dele).

Até que rompeu o silêncio, e falou com a voz mais afetada e grave possível. Via-se muito bem que forçava a sua voz para dar a impressão como certos animais, que era mais grave ou importante do eu realmente era.

-Vejo claramente, que não tem se adequadado às normas da empresa. E neste ponto mudou de tom, para parecer o mais displicente e espontâneo possível, como se eu nada representasse para ele ou fosse um mero objeto de investigação.

-Está burlando muitas normas, que são essenciais, para o bom funcionamento deste serviço. A seguir, fez um pequeno discurso de uns trinta minutos sobre a moralidade que devia predominar no serviço público, questões de assiduidade e compromisso com a empresa. Tudo isto para provar a sua superioridade sobre mim.

-Devo dizer que este procedimento é inaceitável, pois somos uma referência no campo de distribuição de correspondências. E por isso lhe darei oito horas para sanar estas irregularidades. E fez uma lista de oito a dez pequenas infrações, algumas que já tinham sido devidamente regularizadas, e outras, que certamente, já haviam sido alcançadas por algum tipo de prescrição.

E continuou com a mesma cantilena. Via-se claramente, que estendia aquele momento o máximo possível para se deliciar, por tempo suficiente com a humilhação infligida.

Depois me despediu sem sequer olhar para mim.

No outro dia, no prazo marcado entreguei os documentos solicitados. Estava tudo certinho, e me esmerei ao máximo para fazer tudo caprichado, e entreguei no protocolo do escritório.

Menos de vinte e quatro horas depois, recebi nova correspondência com os seguintes dizeres:

Ilmo Senhor,

Comunicamos que a desídia em prestar informações, acarretará uma sindicância e pena de demissão. Prorrogamos por mais de vinte e quatro horas, a apresentação dos documentos solicitados.

A Diretoria.

Confesso que fiquei atônito, pois havia entregado tudo, que tinha sido solicitado. Entrementes, tive uma idéia: Entregar uma documentação, completamente diferente, e esperar o resultado.

Entreguei a minha Declaração de Rendias, e depois disso não recebi nenhuma notícia do setor ou do funcionário em si.

Mas depois disso, passei a receber em intervalos periódicos (que não ultrapassava mais de cinco dias), memorandos, ofícios, procedimentos, cartas etc, cobrando as mais absurdas exigências, por vezes, quase impossíveis de cumprir. E depois de certo tempo, notei que estava sendo perseguido como um coelho por uma raposa.

Passava por um pequeno bar, onde era inevitável passar para pegar o transporte público, e era o local onde os funcionários públicos de meu escritório, se encontravam para o “Happy Hour”, depois do trabalho.

Assim, que me viam, acintosamente e sem medo ou cautela alguma, punham-se a cochichar e rir em altos brados. Um dia, pasmem um deles até mesmo (penso que já por força da ação do álcool), de uma forma totalmente obscena e grotesca apontou para mim, enquanto gritava a plenos pulmões:

-Eu não aguento simplesmente não aguento. Os outros longe de inibirem tal comportamento, também entraram na brincadeira rindo a bandeiras despregadas, e

quanto mais riam, mais os outros tais como demônios zombeteiros, também o acompanhavam, tudo isso como se disse, sem nenhuma desfarçatez ou vergonha.

Desde então, toda vez que passava, a mesma cena se repetia de uma forma ou de outra, mas sem muita criatividade, de modo, que já cansados das anedotas e zombarias, me deixaram de lado, e me recolhi à minha insignificância e invisibilidade.

Mas alguma coisa de boa, ou ruim, resultou daqueles episódios, desde a primeira chamada ao escritório do Sr M., até a última brincadeira mordaz.

O fato, é que alguns dos funcionários mais graduados também bebiam ali, juntamente com os subalternos, mas em uma mesa separada e incomunicável. Os funcionários tinham sua própria hierarquia, e não se davam entre si, de modo, que os subalternos jamais tinham qualquer chance de interagir com os mais graduados, salvo por ofícios e memorandos a eles dirigidos.

Um destes funcionários graduados, o Senhor J., adivinhou em mim um escravocrata perfeito, um homem underground, sub-reptício e mordaz. Não era à toa, que exercia o cargo que ora estava exercendo. Tinha uma habilidade e intuição nata para certas coisas ligadas aquele serviço público, e já contava com trinta e cinco anos de serviço, embora sua aparência não lhe desse, mais que uns quarenta e cinco anos.

Era um homem de cor e estatura média, que poderia passar despercebido pela maioria das pessoas, mas jamais ali, naquele pequeno reino onde detinha uma porção de sua soberania.

Um dia ele me chamou à sua sala e sem mais delongas me disse:

-A diretoria tem lhe observado de perto e tem notado com certo interesse, alguns aspectos de seu trabalho que pode ser útil na unidade T. Gostaríamos que passasse um período de tempo com o Sr. M., atual supervisor daquela unidade, para aprender o necessário, uma vez, que ele está se aposentando, e se passar no estágio probatório é provável, que fique com o cargo.

Fui até o Sr. M. com a portaria de minha nomeação. M. era um destes funcionários, extremamente burocratas, e que não fazia o serviço, para o qual era pago, regamente pelo governo. Ao invés disso, torturava (sim, torturava, psicologicamente), amedrontava, e intimidava por todos os meios possíveis seus subalternos.

Assim que cheguei, de imediato descobri duas coisas: M., me odiou desde que pôs os olhos na minha pessoa e na tal portaria. Por seu turno, os funcionários começavam a me olhar com certa esperança, com muita prudência e cautela, uma vez, que qualquer deslize era motivo de sindicância, e a sindicância regra geral, redundava em demissão. Quantas vidas foram destruídas, famílias inteiras destroçadas, naquele inútil órgão público, por mero capricho e vaidade dos funcionários com poder de decisão que enfeixavam um poder sem limites sobre aquelas pobres vidas.

M., procurou ao máximo dificultar o meu aprendizado. Certa vez, me pediu um relatório para que descrevesse toda a mobília do órgão (era assim que chamávamos, aquele apêndice do CEC-Centro de Entrega de Correspondências).

Escrevi o relatório de dez páginas, para impresioná-lo (nesta época eu ainda imaginava, que o ser humano, podia se impressionar com alguma, coisa, especialmente os vaidosos, arrogantes e interesseiros, como era o caso de M.).

Dias depois ele me chamou, e atirou o calhamaço por assim dizer na minha face.

- O que é isso? Perguntou.

- O relatório que me mandou escrever.

- Isto é uma tremenda porcaria (vou poupar o leitor de outras palavras obscenas). Então me dei conta que havia subestimado M., Este era astuto e sorrateiro como uma serpente e venenoso, como um escorpião. Não era à toa, que os funcionários tinham um tremendo pavor de sua presença.

-Faça tudo novamente. E desta vez, acrescente também, um relatório acerca de todo acervo digital que temos.

Confesso, que fiquei estupefato com as exigências descabidas de M. Tentei argumentar.

-Mas o acervo digital é enorme, e em alguns casos submetidos ao sigilo.

-Não me interessa suas dificuldades. Faça como lhe mandei.

Usei o mesmo truque, que usei com o funcionário subalterno. Invenitei números, cifras, porcentagem, estatísticas etc. Sempre um número bastante elevado, para

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

